CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2208.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

ARTIGO / ARTICLE

A MORTE: UMA VISÃO DAS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO DE BOWLBY, ERIKSON E LEVINSON

DEATH: A PERSPECTIVE FROM THE THEORIES OF HUMAN DEVELOPMENT BY BOWLBY, ERIKSON, AND LEVINSON

Renata Farias de Souza[1]

[1] Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). E-mail: renatafarias03@gmail.com.

Recebido: 05/05/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: O presente artigo analisa a morte e o processo de luto à luz das teorias do desenvolvimento humano, com ênfase nas contribuições de John Bowlby, Erik Erikson e Daniel Levinson. Trata-se de um estudo teórico de natureza bibliográfica que busca compreender a morte como um fenômeno psicológico estruturante ao longo do ciclo vital. A partir da Teoria do Apego, discute-se como a perda de figuras significativas impacta os vínculos e a organização emocional do indivíduo. Em Erikson, a morte é compreendida no contexto do estágio final do desenvolvimento, marcado pela tensão entre integridade do ego e desespero. Já Levinson aborda a morte como elemento organizador das transições da vida adulta, especialmente na meia-idade. Conclui-se que a morte atua como eixo integrador entre vínculo, temporalidade e identidade, influenciando a construção de sentido da existência.

Palavras-chave: Morte. Luto. Teoria do Apego. Desenvolvimento humano. Finitude.

ABSTRACT: This article analyzes death and the grieving process from the perspective of human development theories, with emphasis on the contributions of John Bowlby, Erik Erikson, and Daniel Levinson. It is a theoretical and bibliographic study that seeks to understand death as a structuring psychological phenomenon throughout the life cycle. Based on Attachment Theory, the study discusses how the loss of significant figures impacts individuals' emotional organization and relational patterns. In Erikson's framework, death is understood within the final stage of development, marked by the tension between ego integrity and despair. Levinson, in turn, approaches death as an organizing element of adult life transitions, particularly during midlife. It is concluded that death operates as an integrative axis linking attachment, temporality, and identity, influencing the construction of meaning in human existence.

Keywords: Death. Grief. Attachment Theory. Human Development. Finitude.

INTRODUÇÃO

A morte constitui um fenômeno universal e inevitável da existência humana, assumindo, ao longo da história, múltiplos significados sociais, culturais e psicológicos. Apesar de sua centralidade na experiência humana, permanece, em muitas sociedades contemporâneas, como um tema marcado por

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

silenciamentos, tabus e dificuldades de elaboração simbólica. No campo da Psicologia, entretanto, observa-se um crescente interesse em compreender a morte não apenas como um evento biológico, mas como um processo complexo que mobiliza dimensões afetivas, cognitivas e relacionais, especialmente no que se refere às experiências de perda e luto.

Nesse contexto, a morte pode ser compreendida como um eixo transversal que atravessa diferentes teorias do desenvolvimento humano, permitindo analisar como os indivíduos constroem significados diante da finitude, estabelecem vínculos ao longo da vida e elaboram a ausência de figuras significativas. A articulação entre morte e desenvolvimento psicológico revela-se particularmente relevante ao considerar que as experiências de perda influenciam diretamente a organização psíquica, os padrões de relacionamento e a construção da identidade ao longo do ciclo vital.

Entre as contribuições teóricas mais significativas para essa discussão, destacam-se os aportes de John Bowlby, Erik Erikson e Daniel Levinson. Bowlby, por meio da Teoria do Apego, oferece uma compreensão aprofundada dos vínculos afetivos e dos impactos emocionais decorrentes da sua ruptura, especialmente no contexto do luto. Erikson, ao propor o modelo do desenvolvimento psicossocial, insere a morte como elemento estruturante do último estágio da vida, no qual o indivíduo se confronta com a tensão entre integridade do ego e desespero. Levinson, por sua vez, aborda a morte como um horizonte organizador das transições da vida adulta, particularmente na meia-idade, quando a consciência da finitude adquire maior densidade psicológica.

Diante dessas perspectivas, coloca-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a morte e o luto são compreendidos e integrados no desenvolvimento humano a partir das contribuições teóricas de Bowlby, Erikson e Levinson? A relevância desta investigação reside na possibilidade de articular diferentes modelos teóricos, ampliando a compreensão da morte como fenômeno psicológico estruturante e não apenas como evento terminal.

Assim, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a morte e o processo de luto à luz das teorias do desenvolvimento humano, com ênfase nas contribuições de John Bowlby, Erik Erikson e Daniel Levinson.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522208, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2208 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Metodologicamente, trata-se de um estudo de natureza teórica e bibliográfica, fundamentado na análise de obras clássicas desses autores, bem como em literatura complementar pertinente ao tema. A escolha por essa abordagem justifica-se pela necessidade de aprofundamento conceitual e articulação entre diferentes referenciais teóricos.

Por fim, este trabalho propõe uma leitura integrada da morte no desenvolvimento humano, compreendendo-a como um elemento organizador da experiência psíquica, capaz de influenciar a forma como os indivíduos se vinculam, enfrentam perdas e atribuem sentido à própria existência ao longo do ciclo vital.

A TEORIA DO APEGO DE JOHN BOWLBY

Apesar de Bowlby haver se dedicado a compreender como são construídos os vínculos ainda na infância e principalmente na relação mãe-bebê, existem inúmeros debates sobre o luto por morte na vida adulta ou mesmo dos reflexos dessa perda na vida adulta quando ela ocorre ainda na infância. Este autor teorizou a respeito do apego partindo do ponto de que os vínculos primordiais são características que fazem parte do repertório de comportamentos de sobrevivência e quando, por qualquer motivo, esse laço não é formado ou é tolhido, a exemplo da morte, o autor aponta a incidência de psicopatologias associadas, fruto do que ele denomina Apego Inseguro (2002).

Hannah Arendt (2020) traz sua contribuição sobre a finitude humana quando aponta que

> a vida humana seria uma perene recorrência imutável dos ciclos da espécie se não houvesse um mundo no qual cada indivíduo chega pelo nascimento e do qual se retira com a morte. Uma vida especificamente humana é plena de eventos que ocorrem em um mundo, que afirmam a singularidade de cada membro da espécie e seccionam a temporalidade cíclica da vida biológica.

Ela designa o trabalho, obra e ação como as três atividades humanas fundamentais e aponta que “estão intimamente relacionadas com a condição mais geral da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade.” (2020) Desta forma, estar em movimento, realizando e deixando um legado em vida perpetuará a existência humana.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e0110522208, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2208 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Nesse contexto, a proposta será a de compreender os impactos da morte sobre aqueles que perdem suas figuras de apego, partindo do pressuposto de que a morte vem permeada por sentimentos de tristeza, desamparo, lamentação e marcada fortemente pelo luto, já é condição para abertura de feridas emocionais que deixam marcas no transcorrer da vida.

Com base na teoria da vinculação estabelecida por Bowlby (2004), que aponta o apego como o vínculo construído entre o cuidador e o bebê, que auxilia na qualidade da interação entre ambos, possuindo um papel fundamental na formação psicoemocional da criança, a ausência desta figura de apego tende a estabelecer um padrão de comportamento inseguro e desorganizado, principalmente nas chamadas “Situações Estranhas”, expressão utilizada para o experimento desenvolvido por Mary Ainsworth (2015) em sua pesquisa, onde faz uma avaliação que mensurava o vínculo entre mães e seus filhos.

Esse experimento teve por objetivo medir como uma criança explora seu ambiente na presença de seu cuidador, na ausência dele e na presença de um estranho. O experimento original impulsionou a formação do sistema de classificação de apego, permitindo a distinção entre comportamentos ambivalentes e de desconsideração no reencontro das crianças com suas mães. Esta condição permite compreender melhor o impacto da ausência da figura de apego, ainda que nela ela retorne em seguida ao convívio com a criança, diferente da condição perene da morte.

Na sua trilogia Apego e Perda, Bowlby (2004) aponta que a perda de um ente querido é dolorosa tanto para quem vive quanto para quem o observa, devido ao sentimento de impotência, estando assim a morte, associada diretamente à perda e ao luto. Ele apresenta quatro fases de reação a perda, são elas: Entorpecimento ou choque, Anseio e a busca da figura perdida, Desorganização e desespero e Reorganização (2004b). Nas duas primeiras fases, ele aponta a predominância do sentimento de raiva, explosões de aflição e a busca emocional pela figura de apego. Nas fases seguintes, após o desespero há um processo de reorganização. Mas é importante dizer que Bowlby salientou não haver uma maneira definida para cada indivíduo vivenciar essas fases, sendo uma experiência única e pessoal, variando a partir do estilo de apego construído na infância.

Bowlby afirma que “a perda de uma figura de apego é uma das experiências mais dolorosas que um ser humano pode sofrer” (BOWLBY, 1980, p. 7). O luto, portanto, não é concebido como uma patologia, mas como um processo adaptativo, por meio do qual o indivíduo busca reorganizar seu mundo interno diante da ausência do outro. Ele (Bowlby, 2004b) também define a ideia de pesar como a aflição experimentada pela pessoa que perde um ente significativo e a sequência de estados subjetivos que acompanham o enlutamento. O luto é considerado o trabalho psíquico de elaboração dessa perda, contudo, para ele “enquanto a criança não pode reconhecer seus objetos de amor como sendo separados dela, na eventualidade da perda ou separação da mãe, ela sente que perdeu uma parte de si própria, mas não pode sentir pesar e enlutar-se pelo objeto amado” (2004b)

Sem ter a intenção de comparar a capacidade elaborativa do adulto, uma vez que o psiquismo da criança está em formação, Bowlby afirma que a partir de dezesseis meses de idade, aproximadamente, a criança teria mais recursos cognitivos e emocionais para elaborar o luto como o adulto (2004b). Ele ainda aponta nos seus escritos a escassez de discussões, ainda na época da qual se oriunda a psicanálise, que aponta o pesar e o luto como partes naturais da existência, mas sempre apontadas como uma condição patológica.

Ainda que Bowlby não tenha se dedicado a compreender a importância dos rituais relacionados à despedida de entes queridos, vale aqui uma reflexão sobre como o estilo de apego já construído pode contribuir na compreensão do sentido para que eles ocorram, bem como os rituais podem proporcionar ao sujeito que se despede, o encerramento do ciclo daquele relacionamento, preservando as memórias das experiências vivenciadas, consideradas fundamentais para esse autor na manutenção do vínculo positivo e seguro.

Considerando que existe um modelo operativo interno em cada sujeito, construído a partir das relações com suas figuras de apego na primeira infância e que se perpetuam no tempo, torna-se relevante compreender como esse modelo se apresenta através dos seus comportamentos, bem como nas relações que ocorrem no transcorrer da vida. Bowlby classifica, com o suporte dos experimentos realizados por Ainsworth (2015), os estilos de apego identificados, são eles: Apego Seguro, Apego Inseguro-evitativo e Apego Inseguro-ansioso.

No apego seguro, Bowlby (2002) aponta que a figura de apego se apresenta como uma “base segura” que possibilita à criança explorar o mundo de forma autônoma e confiante, sendo o cuidador uma fonte de apoio e segurança. Já no apego inseguro, por conta da interação inconsistente com o cuidador, ocorre a construção do apego de forma resistente ou evitativa, o que leva a comportamentos de forte dependência e instabilidade no primeiro caso, enquanto, no apego inseguro-evitativo ocorre distanciamento e autossuficiência do indivíduo.

Nesse contexto, partindo dos princípios propostos por Bowlby sobre os estilos de apego é possível refletir sobre como, a partir dos modelos estabelecidos, os indivíduos lidam com a finitude. Para aqueles com apego inseguro-evitativo, eles costumam lidar com a vulnerabilidade se afastando, racionalizando ou tentando controlar as próprias emoções — inclusive quando pensa na própria finitude. Enquanto os indivíduos com apego inseguro-ansioso têm uma tendência a ficar hipervigilante, buscar garantias, temer abandono e sentir que não vai dar conta sozinho. Quando isso se mistura com a consciência da morte, a angústia pode crescer bastante, porque a mente busca controle e segurança em algo que, por natureza, é incerto.

No caso daqueles que possuem apego seguro, geralmente lidam com a finitude de forma diferente: em vez de evitar (como no evitativo) ou se prender à ansiedade de perder vínculos (como no ansioso), a tendência é conseguir olhar para a morte como parte da vida e buscar apoio sem medo de demonstrar vulnerabilidade. A questão aqui não é tanto “como sobreviver à angústia”, mas como usar a consciência da morte para viver de forma mais plena, conectada e significativa.

A MORTE SEGUNDO ERIK ERIKSON

A formulação de Erik Erikson (1998) sobre a morte não aparece como uma “teoria da morte” isolada, mas como parte estrutural do último estágio do desenvolvimento psicossocial, no qual a finitude se torna o horizonte organizador da avaliação da própria vida. Ele remete o contexto da morte á relação dialética entre a integridade do ego e o desespero. Ou seja, na velhice, o sujeito realiza um balanço existencial: integra sua história e busca aceitação pelo que foi vivido

ou cai no desespero, passando pelo arrependimento, medo da morte, sensação de tempo esgotado.

Para Erikson, a aproximação da morte exige uma reorganização psíquica na qual o indivíduo busca coerência narrativa para sua trajetória; quando essa integração falha, emergem sentimentos de desespero, frequentemente acompanhados por temor intenso da morte (Erikson, 1998). A morte funciona como critério-limite de sentido. A integridade não elimina a consciência da morte, mas a reinscreve como parte de um ciclo necessário, reduzindo a angústia e favorecendo uma aceitação não defensiva.

Ele aponta a virtude que correspondente ao estágio final é a sabedoria, entendida como uma forma de julgamento que incorpora a finitude. A sabedoria é um operador regulatório da ansiedade de morte: não a nega, mas a simboliza e a integra ao juízo sobre a vida. Para Erikson “a sabedoria pode ser caracterizada como uma preocupação informada e desapaixonada com a própria vida em face da morte.” (Erikson, 1998, p. 99).

Por outro lado, quando a integração falha, o sujeito experimenta o tempo como insuficiente para recomeçar, o que Erikson dá o nome de desespero. O desespero está associado à percepção de oportunidades perdidas e à dificuldade de aceitar a própria história, o que intensifica o medo da morte e a sensação de fechamento sem resolução (Erikson, 1998).

Erikson sugere também que a aceitação da morte se apoia em formas de continuidade simbólica, como legado, descendência e valores. A integridade do ego envolve reconhecer-se como parte de uma cadeia intergeracional, o que permite ao sujeito tolerar a finitude individual ao inscrevê-la em continuidades culturais e familiares (ERIKSON, 1998). Assim, a morte é metabolizada por meio de processos de generatividade tardia, que sustentam a sensação de permanência além do indivíduo.

Para esse autor, “a integridade do ego implica a aceitação do próprio ciclo de vida como algo que teve de ser” (Erikson, 1998, p. 98). Essa aceitação envolve não apenas o reconhecimento dos próprios limites, mas também a capacidade de sustentar uma relação menos ansiosa com a morte.

Em contrapartida, quando essa integração falha, emerge o desespero, entendido como a percepção de que o tempo é insuficiente para reparar ou

refazer a própria vida. Nessa condição, a morte tende a ser vivida como ameaça de aniquilação e perda de sentido.

De forma indireta, pode-se compreender que a capacidade de alcançar a integridade do ego depende, em grande medida, da maneira como o indivíduo elaborou as experiências de perda ao longo da vida. Assim, processos de luto não resolvidos podem comprometer a construção de uma narrativa integrada, intensificando o medo da morte e a sensação de incompletude (Erikson, 1998)

Para compreender como as teorias de Bowlby e Erikson se conectam, podemos transversalizar o sistema de apego e processos de luto de Bowby com a tarefa psicossocial que permeia entre a integridade e o desespero apresentados por Erikson. Enquanto para Erikson “a integridade do ego implica a aceitação do próprio ciclo de vida como algo que teve de ser” (1998, p. 98), Bowlby aponta que A morte é vivida primariamente como quebra de um laço regulador, gerando desorganização emocional e comportamental. (2004b). O que Bowlby chama de reorganização do vínculo pode ser entendido, em termos Eriksonianos, como condição para alcançar integridade do ego.

DANIEL LEVINSON E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O TEMA MORTE

O tema da morte deve ser compreendido dentro da teoria das Estruturas de Vida e das Transições do Desenvolvimento Adulto de Daniel Levinson, onde ele trata a morte como um horizonte organizador da meia-idade e da velhice, especialmente no processo que ele denomina de transição da meia-idade (1978). “O referido autor aponta que “o indivíduo deve começar a aceitar a própria mortalidade e a inevitabilidade do envelhecimento e da morte.” (Levinson, 1978, p. 192).

A morte então emerge como um marcador de realidade, que rompe fantasias de infinitude e força a reorganização da estrutura de vida. Haverá assim a integração de polaridades existenciais. A morte não é apenas um evento futuro, mas um polo constitutivo da experiência psíquica, que precisa ser simbolicamente integrado e traz a “a percepção de que o tempo limitado introduz um senso de urgência na construção de uma vida significativa.” (Levinson, 1978, p. 200).

Neste contexto, Erikson e Levinson dividem a compreensão sobre a morte como critério de avaliação velhice e como crise de reorganização na meia-idade,

respectivamente. Como evento psicológico antecipado, para Levinson ele surge na meia-idade e produz uma reestruturação da vida.

A articulação entre Levinson, Bowlby e Erikson permite a formulação de um modelo integrado no qual a morte é compreendida em três níveis interdependentes:

1. A morte emerge como consciência da finitude, desencadeando processos de reavaliação da vida.
2. A morte é experienciada como perda de vínculos, exigindo elaboração do luto.
3. A morte é integrada na história de vida, resultando em integridade ou de-sespero.

Os três estudiosos apresentados se complementam no âmbito do desenvolvimento humano quando apresentam as formas como o indivíduo toma consciência da própria mortalidade (Levinson), elabora perdas de figuras de apego (Bowlby) e condiciona sua capacidade de alcançar integridade do ego diante da morte (Erikson).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte, enquanto horizonte inescapável da existência humana, ocupa um lugar estruturante no desenvolvimento psicológico. Longe de constituir apenas um evento biológico terminal, ela se configura como um organizador psíquico transversal ao ciclo vital, influenciando a forma como o indivíduo constrói vínculos, elabora perdas e atribui sentido à própria trajetória. Nesse contexto, a articulação entre as contribuições de Daniel Levinson, John Bowlby e Erik Erikson permite a construção de um modelo teórico integrado que compreende a morte como eixo articulador entre temporalidade, vínculo e identidade.

No âmbito do desenvolvimento adulto, Levinson introduz a ideia de que a consciência da morte emerge de forma particularmente significativa durante a transição da meia-idade, quando o indivíduo se confronta com os limites do tempo e da própria existência. Esse momento implica uma ruptura com a ilusão de infinitude característica das fases anteriores do desenvolvimento.

Conforme o autor, “o indivíduo deve começar a aceitar a própria mortalidade e a inevitabilidade do envelhecimento e da morte” (Levinson, 1978,

p. 192). Tal reconhecimento não se limita a um plano abstrato, mas adquire densidade psicológica, promovendo uma reavaliação da chamada estrutura de vida, entendida como o arranjo relativamente estável de relações, papéis e investimentos pessoais.

De forma indireta, pode-se afirmar que a morte, em Levinson, opera como um marcador de realidade, introduzindo um senso de urgência existencial que leva o sujeito a revisar prioridades, abandonar investimentos pouco significativos e buscar maior coerência entre desejos, valores e projetos (Levinson, 1978; 1986). Nesse sentido, a finitude não apenas limita, mas também organiza e orienta o desenvolvimento.

Se Levinson enfatiza a emergência da consciência da morte, John Bowlby oferece um modelo explicativo para compreender seus efeitos no plano afetivo-relacional. Para o autor, a perda de uma figura significativa ativa o sistema de apego, produzindo respostas emocionais intensas e, por vezes, desorganizadoras. Assim, a morte, sob essa perspectiva, não é apenas um evento externo, mas uma experiência que mobiliza profundamente os sistemas internos de regulação emocional e relacional.

No modelo psicossocial de Erik Erikson, a morte adquire centralidade no último estágio do desenvolvimento, caracterizado pela tensão entre integridade do ego e desespero. Nesse momento, o indivíduo é convocado a realizar uma síntese de sua trajetória, integrando sucessos, fracassos, perdas e escolhas em uma narrativa coerente.

A partir do exposto, na perspectiva teórica de Bowlby, Erikson e Levinson, fica claro que abordar o tema morte/luto exige do pesquisador compreensão sobre as representações da morte e o que psicologicamente esse acontecimento gera na vida do ser humano, a partir da compreensão desse sujeito como um sujeito biopsicossocial e espiritual.

REFERÊNCIAS

AINSWORTH, M.; BLEHAR, M.; WATERS, E.; WALL, S. **PATTERNS OF ATTACHMENT** A Psychological Study of the Strange Situation. 1978. Classic edition, New York: Routledge, 2015;

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13 ed. Revisada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020;

BOWLBY, JOHN. APEGO **A Natureza do vínculo**. Volume 1 da trilogia APEGO E PERDA. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002;

BOWLBY, John. **SEPARAÇÃO** Angústia e Raiva. volume 2 da trilogia APEGO E PERDA. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004a;

BOWLBY, John. **PERDA** Tristeza e Depressão. volume 3 da trilogia APEGO E PERDA. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004b;

BOWLBY, John. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2024;

ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998;

LEVINSON, Daniel J. **The seasons of a man's life.** New York: Alfred A. Knopf, 1978.